



INTERFERÊNCIA NO PAR LINGUÍSTICO PORTUGUÊS-ESPAANHOL: UM ESTUDO SOBRE A NASALIDADE EM TEXTOS ESCRITOS POR VENEZUELANOS*

INTERFERENCE IN THE PORTUGUESE-SPANISH LANGUAGE PAIR:
 A STUDY ON NASALITY IN TEXTS WRITTEN BY VENEZUELANOS

Paiva Mota**

RESUMO

O contato linguístico é a relação entre duas ou mais línguas em uma mesma localidade, as quais compartilham espaços comuns, tais como áreas de comércio e de educação, principalmente em áreas fronteiriças. Roraima faz fronteira com dois países: Venezuela e Guiana. O objetivo geral deste artigo é analisar as interferências linguísticas presentes em produções textuais de venezuelanos aprendizes de português na fronteira entre Brasil e Venezuela. Para tanto, fundamentamo-nos em Weinreich (1974 [1953]), Silva-Valdivia (1994) e Siguan (2001) para definir interferência. Os autores a conceituam como a influência de uma língua A sobre uma língua B, o que resulta em estruturas que não pertencem ao sistema gramatical de nenhuma das línguas envolvidas. A coleta dos dados aconteceu entre os anos de 2015 e 2017 em um curso de português para estrangeiros na fronteira entre os dois países. O *corpus* foi composto por 47 redações escritas por 23 venezuelanos. Para este artigo, selecionamos as interferências correspondentes a nasalidade e podemos concluir que os informantes ora grafam *-n* ora grafam *-m* em contexto de final de palavra. Ao grafar *-n*, o informante marca apenas esse elemento como sendo de sua língua materna, pois o radical da palavra está em português.

Palavras-chave: contato linguístico; interferência linguística; Português como língua estrangeira.

* Este trabalho é um recorte da tese de Mota (2020).

** Professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp/Araraquara). E-mail: fabricaos@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5136-8222>

ABSTRACT

Linguistic contact is the relationship between two or more languages in the same locality, which share common spaces, such as areas of commerce and education, especially in border areas. Roraima borders two countries: Venezuela and Guyana. The general objective of this thesis is to analyze the linguistic interferences present in textual productions of Venezuelan Portuguese learners on the Brazil/Venezuela border. For this article, we ground up on Weinreich (1974 [1953]), Silva-Valdivia (1994) and Siguan (2001) to define interference. The authors conceptualize it as the influence of an A language on a B language, which results in structures that do not belong to the grammatical system of any of the languages involved. Data collection took place between 2015 and 2017 in a Portuguese course for foreigners on the Brazil/Venezuela border. The corpus consisted of 47 essays written by 23 Venezuelans. For this article, we selected the interferences corresponding to nasality and we can conclude that the informants sometimes spell -n and sometimes spell -m in the context of the end of the word. When spelling -n, the informant marks only this element as being from his mother tongue, as the root of the word is in Portuguese.

Keywords: *linguistic contact; linguistic interference; Portuguese as a foreign language; Spanish as first language.*

INTRODUÇÃO

O Brasil faz fronteiras com dez países sul-americanos, sendo oito falantes de espanhol, um de inglês e um de francês. Em muitas dessas regiões, existe a presença de línguas indígenas e crioulas,¹ potencializando o contato linguístico em ambiente multilíngue.² O cenário fronteiro é o lugar mais prototípico do contato, em que podemos observar claramente falantes de idiomas distintos.

Desde 2015 o ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) cresceu consideravelmente no estado de Roraima. A Universidade Estadual de Roraima (UERR) e a Universidade Federal de Roraima (UFRR) viram essa demanda aumentar com o massivo fluxo migratório de venezuelanos, intensificado, principalmente, entre os anos de 2016 e 2017. A UERR manteve de 2006 a 2017, na cidade de Pacaraima-Roraima, fronteira do Brasil com a Venezuela, um curso de português para estrangeiros. Este artigo tem por objetivo analisar as interferências presentes em produções textuais de venezuelanos aprendizes de português no referido curso da UERR.

Por interferência entendemos a influência de uma língua A sobre uma língua B, resultando, muitas vezes, estruturas agramaticais, ou seja, estruturas que não pertencem ao sistema gramatical de nenhuma das línguas envolvidas. Embora essa influência entre idiomas produza estruturas que não se encaixam nos ditos sistemas, a interferência não é considerada resultado de um conhecimento linguístico insuficiente.

¹ Segundo Bagno (2017, p. 70), crioulo é “uma nova primeira língua de uma comunidade que anteriormente tivera de recorrer a um pidgin como sua língua franca. Acreditava-se que o crioulo fosse uma versão consideravelmente desenvolvida surgida da transformação numa primeira língua de um pidgin (uma segunda língua rudimentar) sem uma língua alvo disponível”. Sugerimos também a leitura de Couto (1996).

² Conforme Bagno (2017, p. 297), o multilinguismo “caracteriza a existência, no interior de um mesmo território – dotado ou não de soberania política –, de diferentes comunidades linguísticas. Trata-se, de fato, da situação mais comum em todas as sociedades humanas.

Este artigo foi dividido em cinco seções contabilizadas as *Considerações Iniciais* e as *Considerações finais*.

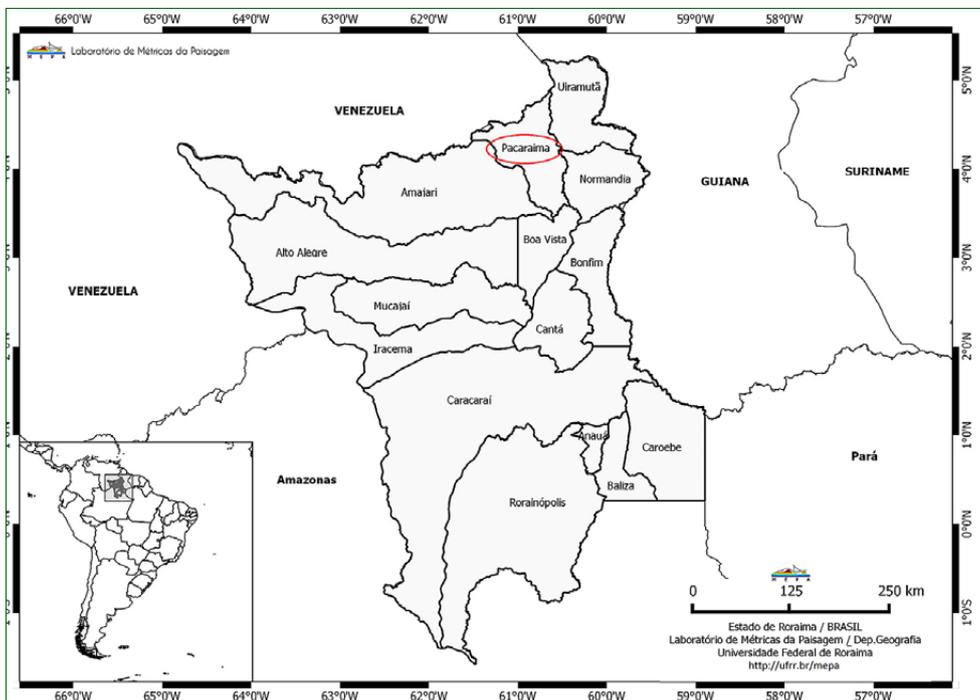
AS CIDADES DE PACARAIMA-BRASIL E DE SANTA ELENA DE UAIRÉN-VENEZUELA

De acordo com a Comissão Permanente para o Desenvolvimento e a Integração da Faixa de Fronteira³ (CDIF), Pacaraima e Santa Elena são consideradas cidades-gêmeas, pois o “território do município faz limite com o país vizinho e sua sede se localiza no limite internacional, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho”. A distância entre as duas cidades é de aproximadamente 15 km, sendo considerada uma fronteira *seca*, pois não há acidentes geográficos, tais como rios ou lagos, dividindo as duas cidades.

Pacaraima é um dos 15 municípios de Roraima e sua criação surgiu com o processo de desmembramento de terras do município de Boa Vista, capital do estado. Em 1995, nasce Pacaraima por meio da Lei nº 096 de 17 de outubro do mesmo ano. A sede municipal dista 215 km da capital roraimense e seu acesso terrestre se dá única e exclusivamente pela rodovia BR-174. Antes de sua emancipação, quando vila, era conhecida como BV-8, em referência ao marco fronteiro Brasil-Venezuela nº 8.

O município de Pacaraima ocupa uma área total de 8.063 km², sendo que 7.920 km² pertencem a duas Terras Indígenas, a saber: São Marcos e Raposa Serra do Sol. A primeira foi criada em 1992 e a segunda, em 2005. A sede do município está em área não indígena. A cidade faz divisa com a cidade de Santa Elena de Uairén-Venezuela ao norte, com Boa Vista e Amajari ao sul, com Normandia e Uiramutã ao leste e com Amajari ao oeste, conforme se vê no Mapa 1.

Mapa 1 – Mapa de Roraima



Fonte: adaptado de <http://ufr.br/mepa/phocadownload/geograficos/roraima2aa.jpeg>.

³ Disponível em: <http://cdif-cdif.blogspot.com.br>

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), a população pacaraimense era de 10.433 habitantes, sendo 5.919 na área rural e 4.514, na urbana. Em 2020, houve uma projeção estimada para 18.913 pessoas. O aumento populacional aconteceu devido à crise política e econômica iniciada na Venezuela em 2015. Pacaraima passou a ser porta de entrada de muitos venezuelanos no Brasil. No entanto, o lado brasileiro não teve como absorver todo esse contingente de imigrantes, o que gerou conflitos entre brasileiros e venezuelanos não apenas na fronteira, mas também em outros municípios roraimenses.

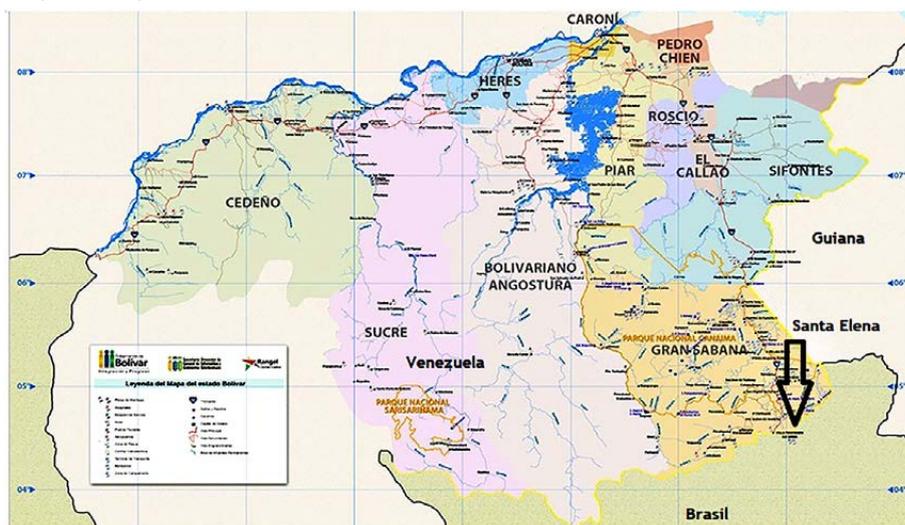
Como descrito, o município está localizado em uma região de fronteira com outro país, a Venezuela, e duas áreas indígenas. O cenário (sócio)linguístico é complexo, pois, além do português como língua oficial, falam-se o espanhol e as seguintes línguas indígenas: o taurepang, o makuxi, o arekuná e o wapixana.

A ocupação do sul venezuelano aconteceu quase no mesmo período que a do norte brasileiro (1960-1980). A criação da cidade de Puerto Ordaz, da Usina Hidrelétrica de Guri e do Parque Nacional Canaima, este último localizado em Santa Elena, contribuíram para acelerar esse processo.

Santa Elena de Uairén é um dos 11 municípios do estado Bolívar (Mapa 2), extremo sudeste da Venezuela, e faz fronteira com Sifontes e Piar ao norte, Pacaraima ao sul, República Cooperativa da Guiana ao leste e Bolivariano Angostura ao oeste. A localidade, que surgiu do garimpo na região, foi fundada por Lucas Fernández Peña no ano de 1923. No entanto, foi apenas em 1990 que a Assembleia Legislativa do Estado Bolívar formalizou esse estatuto.

A cidade de Santa Elena possui uma área de 32.990km² e tinha uma população de 39.396 pessoas, segundo dados do Instituto Nacional de Estadísticas – INE (2011). No entanto, em 2015, essa população caiu para 31.734 habitantes, ou seja, houve um encolhimento de 7.662 moradores em quatro anos. Tais números podem ser bem maiores, haja vista a grave crise em que vive o país. O estado Bolívar conta ainda com a presença de 7,54% de indígenas.

Mapa 2 – Mapa Político do estado Bolívar



Fonte: adaptado de <http://www.e-bolivar.gob.ve/geografia>.

Tem sido mínimo o acesso à bibliografia específica sobre Santa Elena, mas o seu perfil se assemelha ao de Pacaraima. Pela nossa experiência como pesquisador da região, verificamos que a cidade venezuelana possui escolas de ensino básico e, pelo menos, uma instituição de ensino

superior, a *Universidad Experimental de Guayana* (UNEG). Os cursos superiores são na área de administração, contabilidade e turismo.

ALGUNS ESTUDOS SOBRE INTERFERÊNCIA LINGUÍSTICA

Nesta seção, abordamos algumas concepções sobre o processo de interferência linguística (SIGUAN, 2001; WEINREICH, 1974 [1953]⁴; SILVA-VALDIVIA, 1994). Para uns significa *desvio da norma padrão, erro*, para outros *estratégia de comunicação*.

Para Silva-Valdivia (1994), o termo *interferência* é polissêmico, sendo utilizado em diferentes áreas do conhecimento, por exemplo, Física, Psicologia, Antropologia Cultural, Pedagogia e Sociolinguística. É consenso em praticamente todos os trabalhos acadêmicos na área de contato linguístico, de modo geral, e de interferências, em específico, citar a obra de Weinreich, *Línguas em contato*. Para o autor, duas línguas estão em contato quando dois indivíduos as utilizam de forma alternada. Esse fenômeno é chamado de bilinguismo e os falantes são denominados bilíngues.

Weinreich (1974) define *interferência* como um desvio da norma em uma das línguas, do ponto de vista da fala dos bilíngues. Tal desvio pode ocorrer devido à familiaridade com mais de um idioma, ou seja, resultado do Contato linguístico. Para o autor, o termo interferência

implica a adequação de padrões resultantes da introdução de elementos estrangeiros nos níveis mais estruturados da língua, como parte do sistema fonológico, uma grande parte da morfologia e da sintaxe e certas áreas do léxico [...]. Nos níveis menos estruturados de uma língua – partes da sintaxe ou do léxico de natureza secundária –, se poderia falar mais corretamente de “empréstimo” quando a transferência de um elemento deste tipo será destacada. Porém, inclusive nesses casos, a possibilidade de adequações subsequentes nos padrões, ou a interferência, não pode ser excluída (WEINREICH, 1974, p. 17-18).⁵

Por outro lado, Payrató (1985, p. 58 *apud* SILVA-VALDIVIA, 1994, p. 165), define *interferência* não como um desvio da norma, mas como “uma mudança linguística [...] que acontece em uma língua A (ou registro) e que está motivada diretamente pela influência de uma língua B (ou de outro registro de uma mesma língua)”.⁶

Em nosso cenário de pesquisa, essa informação é importante, pois, os venezuelanos se deslocam da cidade de Santa Elena para Pacaraima para estudar português. Em diversas visitas a Santa Elena nunca localizamos cursos de português na cidade. O português que se aprende é pelo contato com brasileiros ou pelo curso de português em Pacaraima, por exemplo. Os 15 km que separam as duas cidades marcam apenas uma divisão geográfica estabelecida ao longo da história dos dois países.

⁴ A versão que utilizamos neste trabalho é uma tradução da língua inglesa para a espanhola realizada por Francisco Rivera da Faculdade de Humanidades e Educação da Universidade Central da Venezuela no ano de 1974. O original, em inglês, tem duas versões, a primeira de 1953 e a segunda, de 1963 revisada e ampliada por Weinreich.

⁵ No original: *implica el reajuste de patrones que resulta de la introducción de elementos extranjeros en los campos más altamente estructurados de la lengua, como, por ejemplo, la mayor parte del sistema fonológico, una gran parte de la morfología y la sintaxis y ciertas áreas del vocabulario [...]. En los niveles menos estrictamente estructurados de una lengua – parte de la sintaxis, o el vocabulario de la naturaleza incidental –, se podría hablar más correctamente de “préstamos” cuando la transferencia de un elemento de este tipo ha de ser subrayada. Pero aun en esos casos, la posibilidad de reajustes subsecuentes en los patrones, o la interferencia, no puede ser excluida.*

⁶ No original: *Unha interferencia, en sentido amplo, é un cambio lingüístico [...] que tén lugar nunha lingua A (ou rexistro), e que está motivado directamente pola influencia dunha lingua B (ou doutro rexistro dunha mesma lingua, se así se especifica).*

Do lado brasileiro, fizemos uma enquete com os moradores sobre cursos de língua espanhola no município, haja vista a proximidade com a Venezuela. Muitos acreditam que o espanhol *é uma língua fácil* ou *já falam espanhol por morar na fronteira* e pelos motivos expostos, não necessitariam dos cursos.

Desde 2015 o fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil cresceu significativamente e a fronteira intensificou seu espaço multi ou plurilíngue. Não são apenas os hispanos⁷ que cruzam a fronteira, mas também indígenas, chineses e haitianos, dentre outros grupos.

Siguan (2001) estabelece seis tipos interferências, a saber: fonéticas e prosódicas, ortográficas, lexicais e semânticas, morfossintáticas, gramaticais e discursivas. Sobre as *fonéticas e prosódicas*, o autor indica que após a primeira infância, o aparelho fonador vai perdendo a flexibilidade. Por esse motivo, as interferências fonéticas acabam sendo inevitáveis. As discussões giram em torno de definir se as interferências são sons da LM na LE ou se são novos sons, pois na tentativa de produzir o som da LE usa recursos da LM. Essas observações também valem para as interferências prosódicas (entonação de frases).

No que diz respeito às *interferências ortográficas*, o pesquisador afirma que quanto mais próximas as línguas, mais fácil acontecerá uma interferência desse tipo. O autor compara o sistema ortográfico do catalão e do espanhol, por exemplo, a grafia de sons como *b/v, x/s, mn/mm*, em que um bilíngue nesses idiomas pode escrever *haber, extraño* e *immoral* por influência do catalão. As formas em espanhol seriam *haber, extraño* e *inmoral* (haber, estranho e imoral). No âmbito ortográfico, a língua que o bilíngue mais domina exerce uma maior influência na sua escrita.

De acordo com Siguan (2001), as *interferências léxicas e semânticas* se referem às palavras e seus significados. Nesse sentido, um sujeito bilíngue pode substituir uma palavra de sua LM por uma semelhante da LE. Esse tipo de interferência pode mudar o significado de determinada palavra com o objetivo de adaptá-la à determinada palavra da outra língua. Um bilíngue espanhol-inglês utiliza *editor* por influência do inglês, que pode significar *aquele que prepara a edição de um texto*.

Sobre as *interferências morfossintáticas*, Siguan (2001) sinaliza que se deve ter em mente que a palavra da LE combina características estruturais e morfossintáticas da LM. Seguindo com os exemplos em catalão-espanhol, temos *conill* (coelho), em catalão, e *conejo*, em espanhol. O bilíngue nesses idiomas pode produzir *conillo*, aplicando a seguinte regra: palavras que terminam em consoante em catalão, em espanhol acabam em *-o*.

As *interferências gramaticais* dizem respeito às mudanças nos sistemas gramaticais de duas ou mais línguas. Quanto mais semelhantes forem os sistemas gramaticais dos idiomas envolvidos, mais específicas são interferências. Por exemplo, as preposições *a* e *em* no par catalão-espanhol possuem regras parecidas, mas não coincidentes, o que pode ocasionar interferências. Já na relação basco-espanhol, as interferências são mais visíveis, pois são línguas distantes, vejamos: a ordem de palavras no basco é diferente da ordem do espanhol e há mudança de categorias gramaticais (SIGUAN, 2001).

A última interferência elencada por Siguan (2001) é a *discursiva*, que vai além de questões léxicas e gramaticais e engloba aspectos culturais entre as línguas. O autor cita o caso da língua tai em Kampuchea, hoje Camboja. Seus falantes utilizam vocabulário específico para se dirigir a homens, mulheres, conhecidos e desconhecidos. Quando um bilíngue tai entra em contato com o inglês, ele busca em seu repertório fórmulas que possam corresponder ao outro idioma. Na

⁷ Na fronteira entre Brasil e Venezuela, é possível encontrar, além de venezuelanos, colombianos, peruanos e argentinos residindo na região.

direção inglês → tai, o bilíngue utiliza outras estratégias que não fazem parte do inglês para se expressar em tai.

Para esta pesquisa, o fenômeno da interferência não é resultado de um conhecimento linguístico insuficiente. Nosso contexto de pesquisa aponta para um contato intenso entre falantes de espanhol, em especial, venezuelanos, e falantes de português brasileiro. O contato entre as línguas portuguesa e espanhola na região da fronteira entre Brasil e Venezuela se manifesta diariamente em contextos formais e informais, principalmente nas escolas e no comércio, respectivamente.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O projeto para turmas de português para estrangeiros na fronteira entre Brasil e Venezuela começou no ano de 2006 e surgiu da demanda de alunos venezuelanos que faziam graduação no *campus* de Pacaraima da UERR. O curso tinha duração de seis semestres (três anos) com carga horária total de 360h/a. Eram seis níveis assim distribuídos: Iniciante 1 e 2; Intermediário 1 e 2, doravante Int1 e Int2; e Avançado 1 e 2, Av1 e Av2. As aulas aconteciam aos sábados pela manhã para jovens e adultos na Escola Municipal Casimiro de Abreu, no município de Pacaraima.

No segundo semestre de 2016, aplicamos questionários aos alunos do curso de português, com o objetivo de traçar o perfil sociodemográfico desses agentes tomados como informantes. Para essa pesquisa, ampliamos a seleção de perguntas e aperfeiçoamos o questionário elaborado por Mota (2014) sendo 29 perguntas para os discentes e 21 para os docentes.

Para fins organizacionais, decidimos elencar os informantes por ordem numérica. Os nomes, quando aparecem na análise dos dados, são fictícios, preservando a identidade dos informantes. Desta forma, temos 01, 02, 03 ... 77, número correspondente a cada aluno. Por questões metodológicas, selecionamos 23 informantes, todos venezuelanos, pois além de terem respondido o questionário, também tinham, pelo menos, uma produção textual entre os anos de 2015 e 2017.

Com base no que coletamos e analisamos, podemos afirmar que o aluno do curso de PLE/UERR: é majoritariamente feminino; tem nível superior; encontra-se na faixa etária adulta, com idade entre 23 a 58 anos; localiza-se na Venezuela, onde nasceu, mora e trabalha, mas estuda no Brasil; encontra-se ocupado no setor de serviços; estuda português como segunda língua porque gosta do idioma; apresenta relativas ligações familiares com falantes de português; estuda português há 2 anos e fala há 11 anos, em média; afirma ter um bom domínio do português; gosta de estudar essa língua para se comunicar com brasileiros; fala e escreve português às vezes; fala e escreve em contextos públicos, principalmente entre amigos e na escola; tem o espanhol como LM; estuda poucas línguas estrangeiras, sendo o inglês a principal delas; e não é falante de nenhuma língua indígena.

No que diz respeito às redações, optamos por não influenciar docentes e discentes no processo de produção escrita. A coordenação nos repassava cópias dos textos dos alunos, totalizando 139 produções textuais escritas, de 77⁸ alunos dos níveis Int1, Int2, Av1 e Av2 entre os anos de 2015 e 2017. No final, selecionamos 102 produções textuais dos níveis mencionados durante dois anos de curso. Com relação às produções realizadas pelos alunos, convencionamos que cada produção receberia uma letra: A - Um acontecimento importante em minha vida; B - Minha Casa; C - Resenhas; D - Resumo de aula e de filmes; E - Corrupção; F - Situação da Venezuela; G - Atividade comparativa entre filme e livro; H - Confecção de um Cordel; e I - Relatos sobre o curso.

⁸ Obtivemos seis textos sem identificação.

Por questões de organização, convencionamos: *13.Int1.16.C*, em que *13* é o número do informante; *Int1* significa o nível do aluno, *Intermediário 1*; *16* o ano da coleta; e *C* o tema da produção textual. Em resumo, obtivemos 47 produções textuais escritas por 23 informantes venezuelanos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Na literatura sobre interferência linguística, os pesquisadores adotam a seguinte classificação: interferência fonético-fonológica, interferência morfológica ou morfossintática ou morfofonológica, interferência sintática e interferência semântica (WEINREICH, 1974; SILVA-VALDIVIA, 1994; SIGUAN, 2001; MENÉNDEZ; MENÉNDEZ, 2003). Para esta pesquisa, adotamos classificação própria, tendo em vista a composição dos dados e as particularidades das línguas portuguesa e espanhola no contexto fronteiriço.

No total, foram 276 *ocorrências* de interferência coletadas de 102 *produções escritas* por venezuelanos aprendizes de português. A análise e discussão dos dados desta seção é um recorte de Mota (2020). Para este artigo, abordamos as interferências classificadas no grupo nasalidade.

Os casos referentes à *nasalidade* contabilizaram 14 ocorrências, ou seja, 5,1% dos dados. É sabido que falantes de espanhol tendem a ter dificuldades na produção seja oral ou escrita de vogais e consoantes nasais do português. Por exemplo, na fala percebemos *pão* sendo pronunciado como [ˈpao]; na escrita, no *corpus*, verificamos a tentativa de grafar essa representação nasal com o acento gráfico til (~), com consoantes nasais (*n*, *m*) ou com o ditongo decrescente nasal *-ão*.

Antes de iniciarmos a análise e discussão dos dados, trazemos os conceitos de nasalização e de nasalidade. De acordo com Silva, Guimarães e Cantoni (2011, p. 157) *nasalização* é

o fenômeno em que uma vogal nasal tem propriedade obrigatória de ressonância na cavidade nasal [...]. Em casos de nasalização, a vogal é seguida de uma consoante oral – como em [ˈsãtu] *santo* ou [ˈlido] – ou ocorre em fim de palavra – [ˈsi] *sim* ou [ˈtõ].

Segundo as autoras, a *nasalidade* é o “fenômeno em que uma vogal tem a propriedade opcional de ressonância na cavidade nasal [...]. Em casos de nasalidade, a vogal nasal é sempre seguida de uma consoante nasal – como em [ˈkãma] *cama*” (grifo nosso). Em português, nos contextos de nasalização e de nasalidade citados, é relevante diferenciar vogais nasais e vogais nasalizadas.

Por outro lado, o sistema espanhol possui apenas cinco vogais [i, e, a, o, u], todas orais (RAE, *online*). No processo de ensino-aprendizagem de português, o aluno venezuelano busca grafar a nasalização associando as formas da língua espanhola com as da língua portuguesa. Essa flutuação na grafia ocasiona a interferência, conforme listamos:

(01) Acredito que um acontecimento marcante na minha vida tem sido, a chegada ao mundo do meu primeiro filho, e claro, a chegada dos outros también causaron alegrías e emoções nela tambien (71.Int1.15.A).

(02) Ela tambien nos falo que “cronica” e um ponto de vista de a pessoa que faze. (26.Int2.16.D).

De (01) e (02), os informantes utilizam a desinência *-n*, do espanhol no lugar do *-m*, do português: *también* e *tamben*. A forma portuguesa é *também*, a espanhola, *también*. Embora não seja o foco desse trabalho, observemos que a forma *também* ora é acentuada ora não é acentuada.

Para Silva (1999, p. 60), em língua portuguesa, a letra *m*, ortograficamente, “ocorre em fim de sílaba e em final de palavra (como em ‘campo’ ou ‘fim’). Neste caso, a letra *m* marca a nasalidade da vogal anterior e não a articulação de uma consoante”. No processo de escrita, os informantes marcam *-n*, pois em língua espanhola, no contexto de final de palavra, se grafa com *-n*, salvo em palavras de origem latina ou árabe como *vadémecum*, *quórum* e *álbum*.

(03) Os povos vai ficando pobres por esse mal, o dinheiro e a educação, a segurança e a saúde não vai para a gente e os mais pobre ficam desabrigado, é perdem a oportunidade de desenvolvimento (05.Av1.16.E).

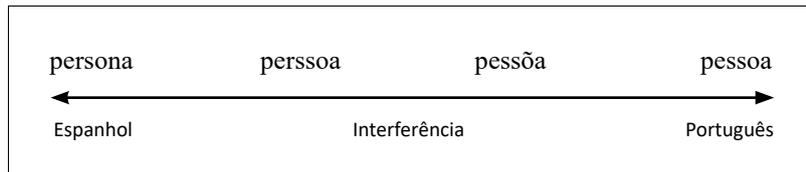
(04) A sonho de Francisco era ter *dineiro* fose pagar ao sogro (50.Int1.16.D).

Os exemplos (03) e (04) dizem respeito à palavra *dinheiro* / *dinero*. Os informantes grafam *dineiro*. O fonema [ɲ] é grafado em português como *nh*, um dígrafo; em espanhol, *ñ*, uma letra. A letra *ñ* só existe em língua espanhola, o que nos levar a inferir que os informantes fizeram a associação *ñ* com *n*.

(05) O baile é aonde uma *pessõa* espresa o que sente (34.Int1.15.A).

Em (05), *O baile é aonde uma pessõa espresa o que sente* (grifo nosso), o informante acentua com um til a letra *-o-*. Em português, se escreve *pessoa* e em espanhol, *persona*. O til representaria o índice de nasalidade. No *corpus* verificamos outras formas, sintetizadas na Figura 1:

Figura 1 – Ocorrências da palavra pessoa



Fonte: elaborada pelo autor.

Na Figura 1, temos à esquerda, a forma espanhola, *persona*; no centro, as interferências, *perssoa* e *pessõa*; e à direita, a palavra em português, *pessoa*. Em outras palavras, temos o *continuum* da palavra *pessoa*, partindo do + espanhol para o + português elencadas no *corpus*; o que se encontra nesse intervalo, classificamos como interferências. Lembramos que, grosso modo, interferência não é língua A tampouco língua B. Consideramos as interferências como estratégias que o aluno utiliza durante o processo de ensino-aprendizagem do português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo dedicou-se à descrição e análise do contato linguístico entre o português brasileiro e o espanhol venezuelano. Nosso *corpus* foi composto de 47 redações, contendo 7.957 palavras, escritas por 23 informantes, todos venezuelanos. A coleta dos dados aconteceu entre os anos de 2015 e 2017 em um curso de português para estrangeiros na fronteira do Brasil com a Venezuela na cidade de Pacaraima, Roraima. O foco desta investigação foi analisar interferências em textos escritos por esses alunos.

No que diz respeito à *nasalidade*, podemos concluir que os informantes ora grafam *-n* ora grafam *-m* em contexto de final de palavra. Ao grafar *-n*, o informante marca apenas esse elemento

como sendo de sua LM, pois o radical da palavra está em português. Nos verbos existe a tendência de grafar *-m* ou *-rom*. Este último, uma *desinência híbrida*, ou seja, a desinência apresenta elementos do espanhol e do português.

De maneira geral, o número de informantes não nos permite chegar a afirmações definitivas sobre a relação entre as interferências e as características sociodemográficas dos falantes. No entanto, foi possível verificar que o número de ocorrências foi maior no grupo que tinha parentes brasileiros. O fato de ter parentes brasileiros poderia aumentar a segurança na aprendizagem de português, pois esse estudante mantinha contato com falantes de português fora do ambiente formal de aprendizagem. Sem falar que a fronteira geográfica entre os países é apenas uma abstração, levando em consideração que seus habitantes estão em intenso contato, inclusive nas relações familiares.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. do S. M.; MONTEIRO, H. M. do V.; RABELO, J. *Português para Estrangeiros*. 2010. 14 p. (Projeto de extensão) – Pró-Reitoria de Extensão, Universidade Estadual de Roraima, Boa Vista, 2010.

BAGNO, M. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

COMISSÃO PERMANENTE PARA O DESENVOLVIMENTO E A INTEGRAÇÃO DA FAIXA DE FRONTEIRA (CDIF). Disponível em: <http://cdif-cdif.blogspot.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2019.

COUTO, H. H. do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: EdUnB, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades e Estados*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html>. Acesso em: 17 mar. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS. Disponível em: <http://www.ine.gov.ve/>. Acesso em: 13 abr. 2019.

MENÉNDEZ, F. G.; MENÉNDEZ, M. V. G. *El desplazamiento lingüístico del español por el inglés*. Madrid: Cátedra, 2003.

MOTA, F. P. *A interferência linguística em redações de venezuelanos estudantes de português na fronteira Brasil/Venezuela*. 2020. 185 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Araraquara, 2020.

MOTA, F. P. *Contato linguístico na fronteira Brasil/Venezuela: produções textuais de hispano aprendizes de PLE*. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.

PAYRATÓ, L. *La interferencia lingüística*. Barcelona: Curial Edicions Catalanes, 1985.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de la lengua española*. Disponível em: <https://www.rae.es/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SIGUAN, M. S. *Bilingüismo y lenguas en contacto*. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

SILVA, T. C.; GUIMARÃES, D. M. L. O.; CANTONI, M. M. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA-VALDIVIA, B. Cambios de código, alternancias e interferencias lingüísticas: unha perspectiva didáctica sociocomunicativa. In: SILVA-VALDIVIA, B. (coord.). *Didáctica da língua en situacións de contacto lingüístico*. Santiago de Compostela: Universidade, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 1994. p. 151-176.

WEINREICH, U. *Languages in contact: finding and problems*. The Hague: Mouton, 1953.

WEINREICH, U. *Lenguas en contacto: descubrimientos y problemas*. Caracas: Ediciones de la Biblioteca de la Universidad Central de Venezuela, 1974.